

65º) RN 0181

A data 65 deu Jerônimo de Albuquerque a seu filho Antônio de Albuquerque em 02 de maio de 1604 e assim a Matias de Albuquerque, a qual data é 5000 braças de terra em quadra na várzea do rio Cunhaú, começando a medir de onde entra a ribeira do Piquis em Curimataú. Desta terra se cuidou no princípio pela grandeza das várzeas, e boas e muitas águas que se podiam fazer nelas cinco ou seis engenhos de açúcar. Andando o tempo, mostrou a experiência não ser a terra toda boa para canas por se haverem plantado na dita várzea. Em algumas partes [não nasceu] devido a sequidão da terra, e outra por ser muito alagada. Todavia, além do engenho que hoje tem feito Jerônimo de Albuquerque e de água, pode-se ainda fazer outro, de água, tão bem para o qual tem já atirado o nível, e vai plantar canas.

Observação: consta nas notas explicativas do Auto de Repartição que essa data é uma doação do capitão-mor Jerônimo de Albuquerque aos seus dois filhos, Antônio de Albuquerque e Matias de Albuquerque, com “cinco mil braças de terra em quadra na várzea do Cunhaú, começando a medir de onde entra a ribeira de Piquis em Curimataú”. Esta doação foi confirmada por alvará de 02 de agosto de 1628. Compreendeu-se que o Cunhaú - palavra indígena que quer dizer “rio das mulheres” - é o mesmo Curimataú, desde a foz do Piquiry, que o Auto chama Piquis, até a sua barra no mar. As terras desta data, nas quais fundou Jerônimo de Albuquerque, antes de 1604, um engenho de água, o primeiro montado no Rio Grande do Norte para o fabrico de açúcar, fazem parte hoje [1909] da “Usina Maranhão”, propriedade do coronel Fabrício de Albuquerque Maranhão, que pelo nome parece ser descendente do primitivo possuidor.